

corre limpidamente dellas. Não é prova que baste, persuada e se imponha, o argumento puro e simples de auctoridades universaes, contra o granito macisso e luminoso das razões que desafiam. O argumento que prova e convence, tem de decorrer da natureza do objecto sobre que se discute, tem de constituir-se de factos inequívocos, observações cautelosas, inferencias rigorosamente logica. As méras opiniões pessoaes, os argumentos de méras auctoridades, por mais *norte-americanas*, não valem nada, contra a inteireza sem jaça dos factos reaes, e a solidez luminosa das razões impereciveis. Estamos que não poderão os negadores da intuição-analytica, como methodo unico de ensino, converter milagrosamente em erro palmar a verdade *crystallina*, nem tão pouco transfundir em lucida verdade o erro profundo em que se debatem.

(*Continúa*)

## O CHAMADO "METHODO ANALYTICO" NO ENSINO DA LEITURA

Prof. Renato Jardim

Director da Escola Normal  
da Capital

A O iniciarmos as desprezenciosas considerações aqui apresentadas sobre o "methodo analytico" no ensino da leitura e alludindo ás duvidas nutridas no nosso espirito ácerca da legitimidade da theoria com que esse processo de ensino se apresenta entre nós e sobre a legitimidade com que, em nome della, se proscreeve todo e qualquer outro processo de ensinar a ler, diziamos estas palavras: "Confessar taes duvidas — não nos illudimos — é dar demonstração de argucia escassa, pois que o assumpto, parece, é de clareza *crystalina* para todos"...

Previramos, pois, os factos que aqui se deveriam passar, os riscos a que então nos expunhamos. Pouco faltou, com effeito, para que neste recinto, almas generosas, ao appello da nossa confessada ignorancia, não nos impellissem carinhosamente para o banco da escola, e ahi não cuidassem de nos reensinar a leitura... pelo "methodo analytico"!...

E' que não bater palmas, olhos beatificamente cerrados, á douta theoria, não revelar quente e ruidoso entusiasmo pelo que na pratica se recolhe da adopção intolerantemente exclusiva desse "methodo", é dar de si mesquinha conta perante a pomposa pedagogia reinante.

Não foi pouco — antes, como graça especial, aqui agradecemos — que consagrados mestres, emprestando-lhes valia que não tinham, das nossas modestas considerações fizessem, para honra nossa, objecto de debate.

Andámos a arriscar-nos neste amistoso, mas didacticissimo ambiente, carregado á saturação da bella e aristocratica pedagogia do ensino da leitura, a mover de corações bondadosos... a sympathia apiedada que de natural é ter para aquelles que sorte crudelissima privou da luz dos olhos.

Felizmente que é transposto tão arriscado passo! Se uma eiva de vaidade toldasse os intuitos com que ousámos suscitar este

debate, teríamos, de que, por esse lado, sobejamente contentar-nos. Mereceu a discussão aqui travada o esforço dos mais conspicuos doutrinadores do "methodo", emquanto, por outra parte, honrosos e animadores applausos colhe a nossa iniciativa, e apoio franco, por vezes caloroso, recebemos ás idéas aqui externadas sobre o assumpto, já de parte de pessoas de notorio valor intellectual extranhas ao magisterio, que ante os conhecidos resultados da applicação do "methodo" inquirem, desconfiadas, da excellencia delle, já de parte de numerosos e experimentados professores.

Transposto, pois, o perigosissimo passo, em que muito por perto de sossobro andou a nossa mais que modesta responsabilidade de professor.

E' algo, porém, de muito respeitavel e de muito temeroso, o conjuncto de sons articulados que formam a palavra *analytico*. Na meia sombra em que se guarda aos impuros olhos dos mortaes, é esse vocabulo como a deusa Tanit dos carthaginezes, de velado rosto, cujo véo sombrio jámais deste se erguera sem immediato e fulminador castigo da sacrilega mão que lhe tocára.

E' o termo "analytico", a um tempo, palavra magica, cuja solettração por si só decerra de par em par as portas de opulento saber pedagogico, como aquellas outras do conto arabe escancaravam ás vistas e ás mãos avidas do sabedor dellas os maravilhosos thesouros dos "Quarenta Ladrões", e é um idolo, deus do terror, que cumpre não olhar de face, ante qual convem sómente a prosternação humilde e cujo ventre voraz de novo Moloch reclama victimas em holocausto...

Dadas condições taes, ousando nós erguer ao idolo olhos para vêr, que nos seja licito, não exhibir credenciaes, que não as temos, de iniciado no extranho rito, mas invocarmos alguns poucos titulos que nos tirem a feição de impio a penetrar irreverente em veneravel e soturno templo; que nos seja permittido, por graça, um

#### ACTO PROPICIATORIO.

"Methodo analytico" — pois que já o dissemos e contestado não fomos — significa entre nós, na methodologia didactica, *methodo inductivo*. Se ha quem lhe descubra mais, que o aponte.

E' pois, a ordem inductiva no ensino — e como um fragmento ou adaptação do methodo das sciencias — o que sob a palavra-fetich se preconiza.

Se assim é, concedei-nos a qualidade, honrosa e apadrinhadora, de irmão na mesma crença.

No nosso muito obscuro tirocinio de professor, foi, atravez dos annos e no afan de cada dia, preocupação dominante, pautar as nossas modestas lições, sobre não importa que assumpto, pelos principios do mencionado methodo, — que cedo nos penetrara por outros vehiculos que não as da apprendizagem da didactica, — e a vigiar-nos cautelosamente contra as claudicações tão comuns e tão frequentes contra as respectivas regras.

Em tudo quanto, insignificante embora, temos escripto, e nas mais diversas epocas, sobre materia de ensino, traduz-se ou expressamente se affirma essa adhesão, clara e completa, á marcha progressiva como ordem no ensino.

Poderíamos — já que não escapamos á necessidade de offerer credenciaes — lembrar, por exemplo, desprerenciosa noticia, vae para nove annos, sobre o interessante livro de Othoniel Motta "Lições de Portuguez", cuja orientação, com proveito para o ensino, vemos tão proficientemente agora secundada pelo nosso illustrado e presado consocio Dr. Sampaio Doria, no seu livro "Como se ensina a lingua".

A mesma preocupação de methodo — de methodo *analytico* — transparece em artigos com que em varias épocas temos espedido papel de imprensa, occupando-nos com o ensino da Geographia.

Invocaríamos com legitimo direito desvaliosa memoria apresentada ao chamado Conselho de Educação, realizado não ha muito nesta Capital, trabalho esse em que se alinham algumas idéas sobre a orientação do curso de psychologia e pedagogia nas escolas normaes, e onde domina a preocupação do methodo, do *methodo analytico*.

Poderíamos invocar trabalhos apresentados no recente Congresso de Ensino realizado no Rio de Janeiro, todos pauperrimos de valor, mas de que transparece constante a preocupação do methodo, quer se trate de singela comunicação ácerca do bom methodo de ensino do latim na Escola Normal da Capital de São Paulo, quer se trate da orientação a se imprimir ao curso da mathematica nos Gymnasios, da orientação dos programmas em geral ou de qualquer outra materia.

Poderíamos invocar ainda a acção exercida como membro de corporação administrativa de municipios do interior, na contribuição dada para a organização de escolas municipaes e para a orientação do respectivo programma e do respectivo ensino. Encontrar-se-ia ahi a preocupação do methodo, do methodo que

tanto apaixonou os nossos preclaros oppositores, e apaixonou somente, por via de regra, *em se tratando do ensino da leitura*.

Invocaríamos ainda, talvez com algum proveito neste acto de contricção, o delicto já perpetrado de escolas profissionaes, de duração ephemera, onde tudo transudava a mesma preocupação do methodo; a perpetração não menos grave, em remoto municipio, vae para mais de vinte annos, de escolas primarias, cujos professores inventavamos nós e aos quaes, por carecedores de preparo pedagogico, buscavamos guiar abeberando-os das paginas da "Educação", de Spencer, e das "Lições de Coisas", de Kalkins...

Não se nos vista entre cruzados, de tão ardente zelo, a perigosa pelle de mahometano! Temos tido pela expressão "analytico" respeito e devotamento bastantes para que, com grave risco, não nos apontem aqui por infiel.

Certo é que não pretendemos conhecer quanta materia jaz no seio sonoro do predilecto vocabulo. E' obra elaborada por gerações de sabios, atravez de seculos, obra de muitos e volumosos tomos. Não nos fosse succeder igual ao que a certo amigo vimos succeder, em debate sobre o conteúdo de certo livro em dois volumes... de que elle só o primeiro havia perlustrado! Contudo — que se propicie em nosso favor o animo dos cultuadores do fetich! — contudo, não temos sido extranho ao alto prestigio deste. Vae para dez annos, a titulo e com titulo de *ensaio*, publicámos algumas considerações sobre os termos "analytico" e "synthetico" como denominação de methodos de ensino, trabalho esse desvalioso, mas atravez do qual os que forem de todo neophytos no assumpto se podem advertir dos serios tropeços e das perigosas emboscadas que se occultam som as seductoras expressões.

Que, pois, a suspeição de extranha ao culto que a estas se rende, que a suspeição de impio, não nos augmente as naturaes desvantagens com que entramos nesta liça. Imaginemos a situação de quem David não sendo e, desprovido de divina assistencia, tendo que enfrentar um Gollias, visse a resguardarem o corpo deste, do seu proprio corpo e do seu guerreiro animo, aquelles proprios a quem deveria interessar a exterminação do monstro...

Ditas estas palavras em acto propiciatorio, de cuja extensão pedimos excusa, entraremos a replicar aos presados consocios que nos honraram em refutar as nossas objecções á theoria e á exclusiva adopção do "methodo analytico".

Para maior segurança, porem, comecemos reavivando, a respeito,

AS NOSSAS AFFIRMAÇÕES.

Que, em ultima analyse, avançámos nós no esboço de critica a esse processo do ensino? Muito pouca coisa, pois que a nossa exposição constituia-se, pelo geral, de duvidas e conjecturas, offerecidas para objecto de estudo. Muita coisa, porém, se se considera a materia nellas envolvida, se se toma em conta os numerosos pontos obscuros da doutrina nellas apontados, pontos esses em que se chocam sem se entenderem os propugnadores do methodo; muita coisa se não se desprezam as questões de facto e com ellas o testemunho de altas autoridades de ensino sobre o mau exito, em um quarto de seculo de experincias, do alludido processo de ensinar a leitura.

Nesse pouco e nesse muito das nossas considerações, o que justamente se não include é que sejamos admirador ou partidario da solettração ou sequer das cartilhas de syllabar; que tenhamos mesmo suggerido á apreciação desta sociedade como preferivel, um processo qualquer de ensinar a lèr.

Não queremos pensar que para os nossos doutos refutadores, professores notaveis e mestres em pedagogia, só existam como processos de ensino da leitura, além do que defendem, o do "b-a-ba" e o da sillabação systematica. Tantos outros existem, entre quaes citar-se-iam bem o velho processo de Delaunay, o do genero semelhante em uso na Belgica e na Allemanha, o processo Montessori, o methodo Javal, que tão boas suggestões poderia fornecer aos nossos criadores de methodo.

O que de positivo aqui affirmámos, em conformidade com previa argumentação, e não foi refutado, é que a theoria desse "methodo" repousa em bases inaceitaveis e que se pretende subordinar a respectiva applicação a preceitos erroneos ou de practica impossivel, de onde decorre ser aggravada a natural difficuldade do uso desse "methodo".

O que quizemos affirmar e de cuja affirmativa assumimos inteira responsabilidade, é que o preconizado "methodo", que exige condições especiaes de applicabilidade, nem sempre se ajusta ás condições das nossas classes, de onde, só porisso, notavel e grave prejuizo para o rendimento de ensino nas nossas escolas, e que maior é o mal se se impõe ao professor, não já o methodo no seu genero, mas uma dada modalidade delle.

O que se apprehende claro das palavras que proferimos e que as verdades pedagogicas em que assenta o referido methodo — e não são as que entre nós se têm annunciado, — não legiti-

num a proscricção de outros processos de ensinar a leitura, e que tues verdades não tiram a este "método" a condição de *methodo phúnica*.

O que afirmámos — e é importante, pois que só por imitação adquiríamos esse processo — foi que a preferencia por elle entre os americanos explica-se por circumstancias especiaes do ensino da leitura em lingua inglesa; que lá esse processo tem por objectivo tornar o ensino, de muito difficil, mais facil, para o professor e para o alumno, enquanto que aqui, ao inverso, torna o ensino, de muito facil que é, difficil para o alumno, esfallante para o professor.

O que nosámos dizer ainda foi que de costume se interpreta mal a denominação do "método," considerando isso para má comprehensão da finalidade dos seus expedientes; que sem ter em conta a natureza dos alumnos que compõem as nossas classes, adstrange-se o professor a minucias de technica que a esses alumnos não se ajustam; que dado o vivo interesse em tirar das nossas escolas primarias o maximo rendimento possível, não é recommendavel a exclusiva e obrigatoria adopção de um processo didactico, reconhecidamente moroso, cuja morosidade é mesmo preconizada como vantagem d'elle, vantagem essa que augmenta e se apura, no dizer dos proprios propugnadores do método, pela inhabilidade em pratical-a, por parte da grande maioria dos professores.

O que, finalmente, affirmámos foi que instruido o professor no apprendizado das escolas normaes sobre os varios processos de ensinar a lêr, a bem do proprio ensino, em respeito ao principio da autonomia didactica e á dignidade do professor, a este não se deve tolher de todo a inspiração pessoal sobre como se avir na sua tarefa, conforme as varias condições que se lhe antolhem.

Certo é que alludimos ao conhecimento da syllaba como base para habilitar á leitura, seja esse conhecimento immediato ou mediadamente ministrado — e não ha para ninguém como a essa verdade fugir, — e concedemos, com desrespeito á sciencia orthodona, que a syllabação como a do chamado "Método João de Deus," da "Cartilha Galhardo" ou da "Cartilha das Mães", de Arnaldo Burreto, também ensina, o que aliás se comprova pela circumstancia de ser um pinguinho capaz de lêr, cada um de nós que aqui se acha, alumno que foi do *ba, be, bi*, e o que se comprova ainda menos mal pela circumstancia de que consideravel população do globo aprende por esse processo.

Não nos quizeram os nossos refutadores honrar com o seu exame e a sua critica tantos pontos por nós feridos. No entanto, á nossa ousada attitudo em pretender discutir o "método analyticaltico", ás duvidas sobre elle aventadas, ás modestas suggestões para estodo, ao sacrilegio em bóa fe commetido de tocar o tabú, não podia deixar de accudir, como infallivel solução para o caso.

### O ARGUMENTO TERRIVEL!

Não falhou ainda esse argumento em efficacia. E' em forma de aviso, de advertencia amiga e mansa que elle se insinua, pondo frio pela espinha: "Não toqueis no método analyticaltico! Não falteis da syllaba! Ignorai-a! Persuadi-vos sem reluctancia da excellencia do método, ou sereis tomado de rotina, a lenhear o triste professor da escola regia!"...

Tem sido esse o claro e irresponsavel argumento com que entre nós se tem elucidado do modo mais completo, todas as duvidas sobre o "método analyticaltico".

Na campanha pedagogica em prol da implantação e generalização d'elle, tem sido essa a arma poderosa, que vence obstaculos, que conquista opiniões, que incita ás palmas, e ao "método" assegura marcha triumphal, nem sempre incruenta, pelos mansos campos do ensino primario.

Ante tal argumento, quem não se rende, quem prontamente não se persuade da excellencia do "método", quem nelle não reconhece, authentica e exclusiva, a alta verdade scientifica do ensino do alfabeto...

Habituado de longa data a considerar-nos leigo em todos os assumptos, sem velleidades de escolas, sem melindres intellectuaes e sem o receio de os sentir feridos, sem ambicionar titulos de iniciado na sciencia occulta, perseveramos nas nossas duvidas, perseveramos em ver o que os nossos olhos veem, em confessar que não vemos o que os nossos olhos não veem, enrolemo-nos, embora, desse modo na etiqueta de *rotineiro!*...

### NOVO PROCUSTO

Resa a lenda que temivel saltador, nos primitivos tempos da Grecia, não contente com despojar as victimas que lhes cahiam nas mãos, tinha por cruel costume extendel-as em um ferreo leito, e ahí, se no seu tamanho excediam ellas a longura deste, cortar-lhes, pelos membros inferiores, a excedente porção, ou, se não

atingiam o cumprimento do leito, esticar-lhes deshumanamente o corpo até que ao justo tamanho delle se afizesem. Tal está sendo entre nós a theoria do "methodo analytico", novo leito de Procusto, a que os factos têm que se ajustar, amputados, uns, accrescentados, outros, desfigurados todos, para exacto enchimento da artificiosa theoria.

Mostra o historico do "methodo" a sua clara significação, a modesta finalidade dos seus processos, o *como* e o *porque* por elle se ensina e se apprende o alphabeto. Inventa-se para elle uma luxuosa e complicada theoria, não inferida dos factos, mas a que os factos se deverão ajustar, e os procusteanos processos entram em acção, em scena a operação de retorcer, esticar, mutilar, de reduzir e de appensar, em toda sorte de aleijões!...

Pela ficticia theoria, o ensino da leitura parte da sentença "porque é esta na linguagem, a realidade indivisivel": faz-se, pois, — para a satisfação da theoria — do juizo, *a unidade do pensamento*. Mas admitte-se que conjunctamente com o processo de sentenças se chame igualmente "analytico" ao que começa da simples palavra: então — desembaraçadamente se decide — "a palavra é igualmente a expressão de um juizo", e irmanam-se numa mesma e só elastica definição, "juizo" e "idéa". Pela theoria, o alludido methodo é *aphonetic*, e é o pensamento o que por elle se tem que immediatamente associar ao aspecto da escripta: inverte-se para a ajustagem com o theorico arcaboço, a ordem das associações mentaes e as relações de natural dependencia entre a palavra e a idéa. Implica a theoria uma nova *mechanica* da leitura, com abstracção completa da circumstancia do phonetismo da escripta: muda-se a marcha conhecida da evolução desta, e annuncia-se com segura convicção que gravitamos celeres para a escripta ideographica. Para a estreita associação do pensamento com a graphia que o representa, quer a theoria que á unidade de um corresponda na sensação visual, a unidade da outra: passam sem detença os órgãos da visão á faculdade de abranger agora, de um só golpe, largo campo visual não antes abrangido. Quer a revolucionaria theoria que o ensino da leitura comece com "o todo": eis que se busca como legitimo *todo* com que iniciar o alumno na aprendizagem da leitura, *a falar, a narrativa, o inteiro discurso*. Inculca desse modo a theoria que é do natural do mechanismo do espirito que o ensino parta do conhecimento completo para a fracção do conhecimento: passa a ser a ordem *psychologica* — ó manes de Pestalozzi! — "do todo para as partes", "do complexo para o simples". Completa-se a theoria com o denominar "ana-

lytico" ao methodo em questão: passa a *analyse, ipso facto*, a constituir o exclusivo processo de operações mentaes, exclusivo na formação de idéas e juizos, de raciocinios e de quaesquer construcções dessa natureza, e de uma varredela alimpa-se da *synthese*, a terminologia *psychologica*...

Não iremos adiante. Não poriamos em fila todos os negros peccados de Procusto, a que Theseu tardará, mas não falhará de certo, numa luz de verdade que nos aclare!

### O PHONETICISMO DO "METHODO"

Não nos quiz honrar nenhum dos nossos illustrados oppositores com acompanhar-nos em uma visada rapida ao historico do "methodo", visada essa imprescindivel como factor de elucidação do assumpto em debate.

Não repetiremos o que a respeito aqui já foi lembrado, com indicação precisa dos motivos porque aos americanos, com a lingua de que se servem, particularmente interessava a adopção do processo de ensinar a leitura partindo da palavra ou da sentença, processo, que dos americanos, imitámos.

E' - nos licito, porém, dizer, baseado na exposição já feita, que nada de *commum* existe entre as idéas condensadas na theoria em voga e as que levaram Jacotot a inventar e a preconizar o processo de sentenças, ou que em nada e para nada influiram os pretensos principios deste, que ora se proclamam — então ainda não inventados, — para a sua adopção pelos americanos.

E — repitamos, no desautorizado de uma affirmação partida de tão modesta origem — o methodo de sentenças ou o de palavras, o chamado "methodo analytico", não é em theoria, como não é na pratica, isso que por ahí, para mal do ensino, complicada e confusamente se expõe.

No offerecer-se á vista do iniciando da leitura, não meras graphias syllabicas, mas a inteira escripta de uma palavra ou de uma sentença, o que com isso se pretende é, em ultima analyse, offerecer-lhe material de estudo da *representação graphica* da palavra ou da sentença, material por meio do qual *experimentalmente* apprenda a reconhecer que a tal graphia, ou tal conjuncto de signaes, corresponde tal palavra ou *taes sons* formadores da palavra. Para isso, é indispensavel que pouco e pouco, no decurso das lições, pela repetição dos mesmos vocabulos, pela repetição das mesmas syllabas em vocabulos diferentes, apprehenda o alumno a *relação phonetica* entre a escripta e o respe-

ctivo som, resultado a que por inferencia o leva a constatação da coincidência de que o apparecimento de dada graphia se acompanha de dado som syllabico a emittir. E' ahi, é nisso, que no ensino pelo alludido methodo têm applicação as tão faladas leis de analyse, *innocentes do mal que ora recae sobre o ensino da leitura*. A applicação dessas leis no estudo da graphia, e para a apprehensão do valor syllabico dos signaes da escripta, é para quem queira ver, de clareza de luz meridiana nos diferentes passos do ensino por esse "methodo", passos esses que se costumam impor medidos a fita metrica e rigorosamente numerados. Para applicação de taes leis a esses factos, não a outros, recheiam-se as cartilhas de lições e lições, de expedientes sobre expedientes. Não obstante, nega-se-o formalmente, e nega-se a pés juntos! Numerosos e variados exercicios se engendram para treinar o alumno no reconhecimento das syllabas, para o habilitar á formação de palavras novas com as syllabas já conhecidas, e a syllaba — dizem — "não é meio nem fim no ensino da leitura"... A habilitação para ler adquirida através do processo de sentenças, é o *reconhecimento* da syllaba, sem o qual seria impossivel ler palavras ainda não vistas, não directamente ensinadas, reconhecimento esse que pelo reiteirado exercicio se torna prompto, mechanizado, subconsciente, e, comtudo, "a leitura se aprende — afirma-se — pela directa associação do pensamento ao aspecto da sentença escripta"; "não ha — afirma-se — subconsciente"; "a syllaba" é mero não ser de que não se cuida"; "a palavra — affirmam ainda outros, de entre os mais fanatizados pela enfeitadora theoria — é abstracção"; *só o pensamento é em toda a leitura, a unica coisa concreta, a unica coisa palpavel!*...

A aprendizagem da leitura pelo methodo de sentenças — digamos, entretanto — é phenomeno identico ao da aprendizagem da pronuncia de uma lingua desconhecida pela reiterada leitura das palavras della, imitando o alumno, ao seu aspecto escripto, a pronuncia ouvida ao professor. Tantas vezes em taes exercicios se offerecem á vista as mesmas fórmulas em coincidência com os mesmo sons, que a exacta pronuncia da lingua se acaba por aprender. Para isso não é imprescindivel que o sentido das palavras se conheça, pouco attrahente, embora, seja o exercicio assim executado. Um professor conhecemos que por esse modo ensinava a pronuncia ingleza, sujeitando os seus alumnos desde a primeira lição á leitura de paginas de Macauley, trecho a trecho, repetido um a um, até que a pronuncia de cada qual fosse perfeita.

E' phenomeno da mesma natureza — guardada a differença quanto ao objecto de conhecimento — o que se constata na aprendizagem de uma lingua estrangeira pela traducção interlineada, ou processo semelhante. Ahi já conhece o alumno o systema de signaes da escripta — o objecto no ensino da leitura; — o de que elle cuida é conhecer a relação de sentido entre a palavra estrangeira e a da sua propria lingua. O methodo, porém, é o mesmo, sem as complicadas theorias do gosto indigena.

E' o mesmo phenomeno, o que se verifica na inductiva aprendizagem inicial da musica, na apprehensão do valor dos symbolos da escripta musical, quanto ao timbre, quantidade e accento, pela vocalização, sem o previo conhecimento de regras, sem a decoraçáo dos enunciados de uma *artinha*; e ahi, espantaria por certo dizer que é o *pensamento musical* que directamente se associa ao aspecto das pautas, que a escripta de cada phrase musical — inclusivê a das composições futuras, — que a escripta de todas as combinações possiveis entre os sons musicaes tem que existir em *clichés* na retentiva do musicista...

Por igual methodo se aprendem todas as coisas. E' o methodo baseado na "*mechanização das associações*", é o que aconselha Le Bon, quando diz que "ensinar consiste em fazer passar o consciente para o sub-consciente". Por tal methodo, aprende-se uma sciencia, uma lingua, uma arte ou uma profissão mechanica. O que se aventa, porém, para o ensino da leitura com grande apparatus de psychologia e em profusa complicação, é uma theoria inaceitavel, que não corresponde aos factos sobre os quaes se constroe, theoria falsa e intelligivel, que só pôde arruinar o ensino.

#### UM TESTEMUNHO VALIOSO

Não é sem interesse, antes de ir mais longe, insistirmos nas particularidades do ensino da leitura nos paizes de lingua ingleza, e passarmos em rapido exame as cogitações sobre ellas de reputado pedagogista, cogitações essas que deixam ver claro os motivos geradores do processo didactico ora em discussão, que lancam luz sobre a immediata finalidade com que elle se instituiu, e, pois, sobre a illegitimidade da theoria com que ora o obscurecem.

Para isso, transcreveremos alguns pequenos trechos da conhecida e apreciada obra "A Sciencia da Educação", de Alexandre Bain.

Sobre a leitura, diz o grande psychologista e pedagogista inglez:

"A extensão e complicação desta aquisição intellectual são tão grandes, *que para ella são necessarios muitos annos de trabalho*, mesmo em se tratando de alumnos que não começaram muito cedo...

Antes de tudo, deve considerar-se a arte de ler *como distincta da linguagem falada* e de todo conhecimento communicado pela palavra; deve ella igualmente distinguir-se da aquisição de novos conhecimentos pelos livros, se bem que se destine a fornecer-nos os meios para elles. *A leitura é a arte de pronunciar palavras quando se vêm os caracteres convencionaes que as representam*...

Não nos queremos valer, citando Bain, do argumento de autoridade. Apenas desejamos mostrar que ainda entre inglezes e, como veremos, com acceitação do processo de ensino por palavras e por sentenças, não se perde de vista o verdadeiro conceito da leitura, não se pretende a inversão das coisas para admittir a associação directa da idéa á representação graphica da palavra, como se se tratara de escripta ideologica.

"Se a nossa escripta — prosegue Bain — possuisse, como a dos Chinezes, um symbolo distincto para cada palavra, seria necessario primeiro exercitar o olhar a distinguir os symbolos entre si, e depois estabelecer uma associação entre cada palavra da lingua falada e o respectivo symbolo... Nós não conhecemos, que eu saiba, os methodos que empregam os mestre-escolas chinezes *para triumpharem do trabalho gigantesco que exige a formação de muitos milhares de associações de idéas distinctas entre sons e symbolos*..."

E' esse trabalho gigantesco na formação de milhares e milhares de associações, de que fala Bain, o que se quer como aperfeiçoamento de ensino, introduzir entre nós; é esse trabalho cyclopico, inutil, e extravagante, que se pretende instituir para o nosso professor e para os nossos alumnos, e isso em troca das poucas associações necessarias para a leitura, tratando-se de uma escripta alphabetica.

Acompanhemos, porem, por um pouco ainda a exposição do citado psychologico:

"Como o inglez possui um alphabeto, ensinamos lér ás nossas crianças *decompondo as palavras nos seus sons elementares*, e representando estes por letras do alphabeto. Mas como a orthographia ingleza é muito frequentemente irregular, somos de algum modo forçados a fazer como os Chinezes e a considerar *certas palavras no seu conjuncto, sem ter em conta o valor das letras separadas*..."

Mostra-se já claramente ahi o motivo porque no ensino da leitura entre os que têm por vernaculo o inglez, é-se levado a considerar "*certas palavras no seu conjuncto*" e porque entre elles move particular interesse a adopção do processo de palavras ou sentenças.

Acompanhemos, porem, o autor.

Após alludir ao natural mecanismo das aquisições mentaes na aprendizagem da leitura (nada de directa associação do pensamento á fôrma graphica), prosegue elle:

"Um certo numero de professores consideram como muito importante começar por fazer pronunciar as *palavras curtas em bloco*, sem as solettrar, e condemnam sem appello o antigo processo de solettração. No fundo, *não me parece que exista grande differença entre os dois methodos, que se tornam um só uma vez vencidos os primeiros passos*". O que é bem mais importante, é a maneira por que cumpre proceder ante as irregularidades da pronuncia ingleza. Quando se dão a lér á criança phrases simples como *do I go? — is it set on?*, não se pôde proceder senão segundo o processo chinez, ensinando as palavras em bloco, sem as comparar com as outras, pois que essas pequenas phrases apresentam ao leitor tres sons differentes da letra o, dois da letra i e dois da letra s. Sem duvida, *cada um desses sons se representará em outras palavras, entre quaes poderá o alumno fazer comparações: aprenderá, pois, a escolher entre dois ou tres sons possiveis e deixar-se-á guiar por analogia; assim, limitamos o principio chinez, sem o abandonar de todo*..."

Como se vê, a despeito da necessidade da adopção do *princípio chinês*, não se cogita segundo a exposição de Bain do pretenso princípio da directa associação do pensamento à forma graphica: o *alumno*, *à la longue*, aprenderá a distinguir sob a mesma graphia, sons diferentes, procedendo por analogia, comparando-os na sua repetida representação em diferentes e repetidas palavras, e são os sons, como natural em escripta alfabética, o que na mente do alumno se associa à forma graphica.

Não podemos acompanhar Bain em toda a sua illustrativa exposição, o que nos obrigaria a agravar o massante desta replica, pela extensão que tomaria. Levantemos, porém, com auxilio d'elle, a pontinha do véo sobre um importante aspecto da questão, para o qual de todo não se tem attentado, e é

### O MONOSYLLABISMO DA LINGUA INGLEZA

Como ninguém ignora, o vocabulario da lingua ingleza em tal proporção contem monosyllabos, que della se poderia dizer ser lingua monosyllabica. Percorram-se por curiosidade, paginas de um livro inglez sobre qualquer assumpto, e em cada 100 palavras encontrar-se-ão 50 ou 60 que se compõem de uma só syllaba. Se assim é na linguagem corrente, em linguagem de artificio pode-se escrever longamente com exclusivo emprego de monosyllabos. E' mesmo largamente conhecida uma extensa narrativa que, para demonstração do facto que apontamos, se encontra no "Methode Pereira" ou "O Inglez sem Mestre". Vê-se claramente que proveito poderão tirar dahi os americanos, ou os inglezes, para no ensino da leitura, partindo de sentenças, *entretendo o alumno com o pensamento*, ensinarem-lhe, no, emtanto, a RELACÃO PHONETICA ENTRE A SYLLABA E A SUA REPRESENTAÇÃO GRAPHICA. E é com effeito o que, como veremos, entre os americanos se pratica.

Já o dissemos, difficuldades muito particulares da lingua ingleza tornam de especial interesse della, o considerar-se no ensino elementar da leitura a palavra como um todo. A esse interesse, allia-se, para essa pratica, a circumstancia favoravel do referido monosyllabismo, pelo qual, ensinadas palavras, dada a conhecer a graphia de centenas de palavras, tem-se do mesmo passo instruido o alumno sobre o valor da graphia das SYLLABAS. Por outros termos, as lições compostas de palavras, compostas mesmo de sentenças, na realidade se compõe... DE SYLLABAS. E' um facto para o qual os que têm estudado o "methodo analytico" e d'elle são ardentes propugnadores, não podem deixar de attentar.

O criterio com que, nas cartilhas, pelas circumstancias apontadas, se compõem as primeiras lições, é o da escolha de sentenças, monosyllabos, monosyllabos que se repetem muitas vezes, nos quaes só entram vogaes breves e cuja graphia não é de todo irregular.

Bain, a que nos vinhamos referindo — e para não só citar a aprendizagem da leitura offerece a irregularidade da orthographia apresentação graphica dos numerosissimos sons vogaes (cento e tantos, segundo affirmam grammaticos), alludindo especialmente à variadissima representação phonetica a cargo exclusivo da letra o, após menção à frequencia de letras que não soam e à palpitante necessidade da reforma orthographica, após suggerir, como meio de attenuar tão ingentes difficuldades, o alvitre da "reducção das palavras inglezas a categorias a um tempo phoneticas e orthographicas", allude às lições organizadas por Morrison, ácerca de quaes cita esta, a cuja transcripção não resistimos:

"The rat sat on a mat, the fat cat ran to the mat, the cat ran into the box. Can the fat cat go into the box? No, the fat cat can not go into the box".

E' uma narrativa completa, uma inteira historietta, com o seu commentario final. Empregaram-se nella trinta e oito palavras, e só se usaram monosyllabos! O alumno em uma lição tal terá por thema sentenças, é fora de duvida, mas ante os olhos, na respectiva representação graphica, terá *meras syllabas*, cujo aspecto irá associando ao som representado.

Tem-se ahi um bom modelo de ensino de leitura por sentenças, e que pôde lançar alguma luz sobre o como e o porque por elle se aprende a lêr.

E que pensar, ante esse modo de processar a leitura inicial e ante as claras razões d'elle, ao depararmos em nossas cartilhas — que se pretendem guiar por identicos principios — com as enormes sentenças, compostas de polysyllabos, tomados a esmo, com que se abrem as primeiras lições?...

Traduzamos uma das sentenças do texto citado, e veremos já dahi a differença entre a estrutura da nossa e a da lingua ingleza, e, com isso, veremos igualmente o illogico da traducção de cartilhas inglezas ou americanas para o uso da nossa escola.